


arte





**Se não a cura,
o alívio**

Alecsandra Matias de Oliveira

“Você pode assustar as pessoas com a morte ou com a ideia de sua própria mortalidade, ou talvez possa realmente dar-lhes força”
(Damien Hirst).

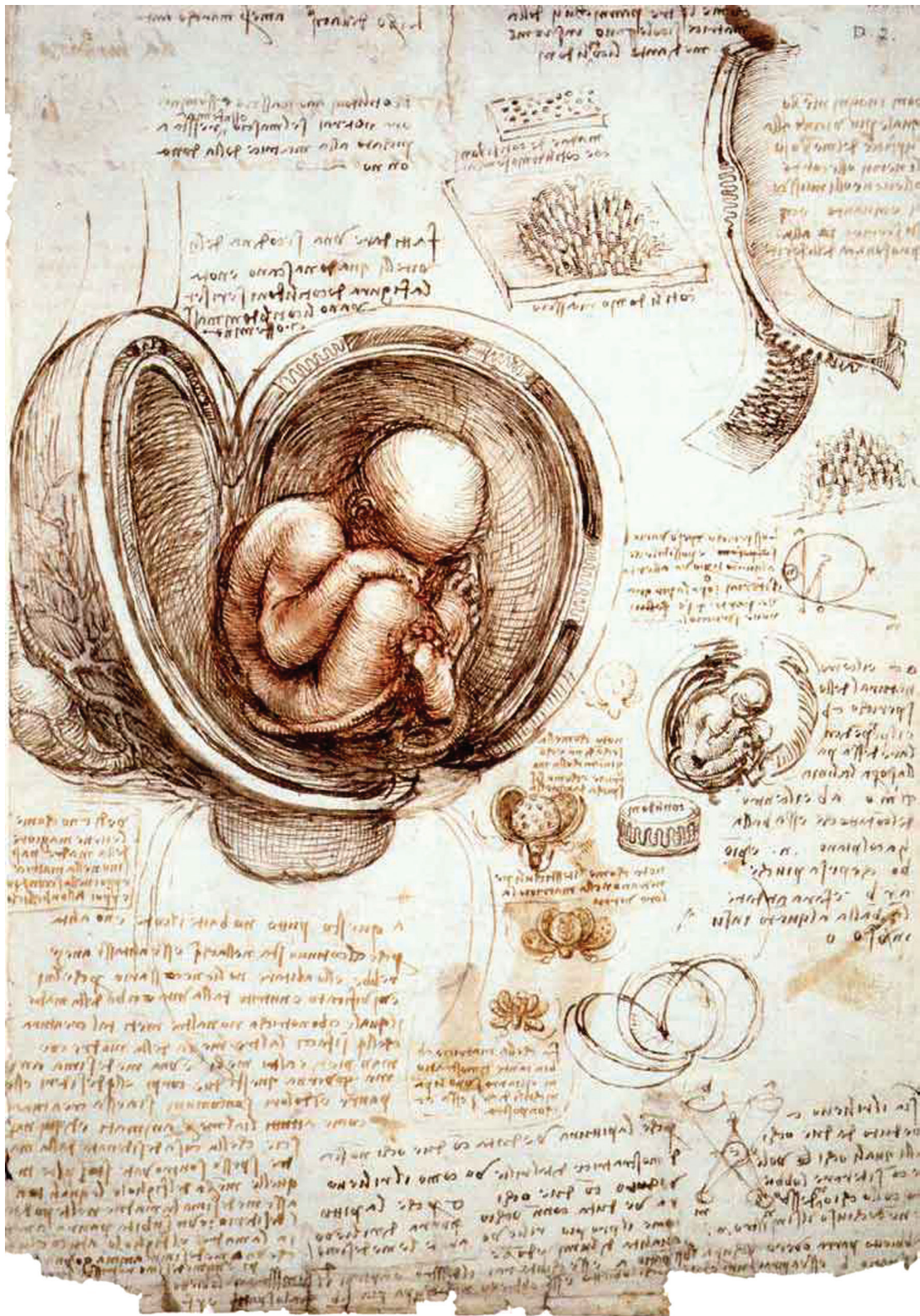
Arte e medicina caminham juntas há séculos. O fascínio pelos saberes do corpo humano surge em diversos artistas e em distintas épocas. Em algum desses instantes, a arte evidencia a dimensão do humano: o corpo, a dor, o flagelo, a vida e a morte. As imbricações da arte em tratamentos terapêuticos são cada vez mais estudadas no campo interdisciplinar que une arte, psicologia e medicina. Porém, distinguida pela atual pandemia, a discussão dedicada ao histórico das artes visuais e suas inspirações ligadas à medicina e à saúde pública revive obras produzidas em momentos de crises sanitárias, tais como a gripe espanhola e a covid-19, mas também mostra os artistas como cronistas de seu tempo.

No Renascimento, por exemplo, artistas como Leonardo da Vinci e Michelangelo Buonarroti seguiram os ensinamentos de médicos-anatomistas na busca pela perfeita forma humana. De 1498 a 1513, Da

Vinci desenhou órgãos e elementos dos sistemas anatomofuncionais – estudos esses baseados na leitura de obras de autores da medicina pré-renascentista, como Galeno de Pérgamo, Mondino dei Luzzi e Avicena. O artista florentino dissecou corpos humanos e de animais; inovou ao empregar injeção de cera derretida nos ventrículos do cérebro de um cadáver, facilitando, assim, sua dissecação. De fato, seus desenhos e anotações, tal como o do feto e o estudo de cabeças, são impressionantes pela busca da verossimilhança. Michelangelo, por sua vez, mostrou-se obcecado pela estrutura óssea, conjuntos de tendões e músculos. Foram 12 anos dedicados à leitura da obra do médico italiano Realdo Colombo. O criador do teto da Capela Sistina centrou-se na compreensão da estrutura do corpo humano.

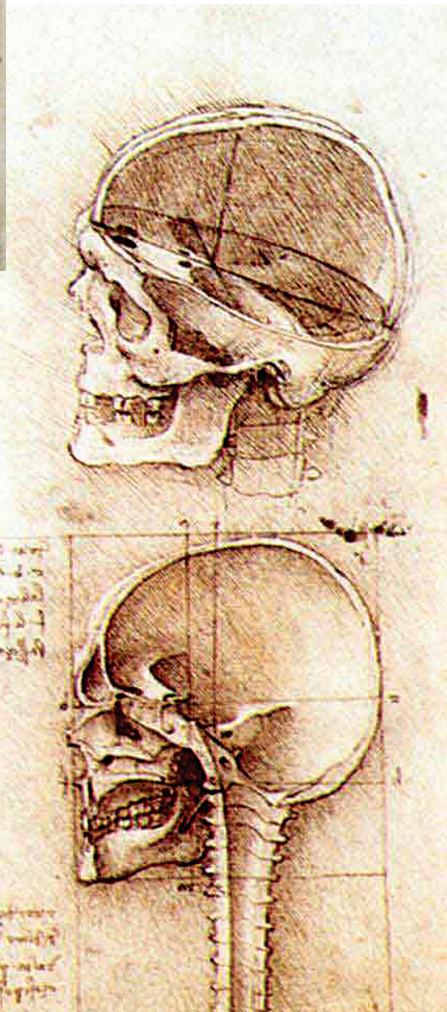
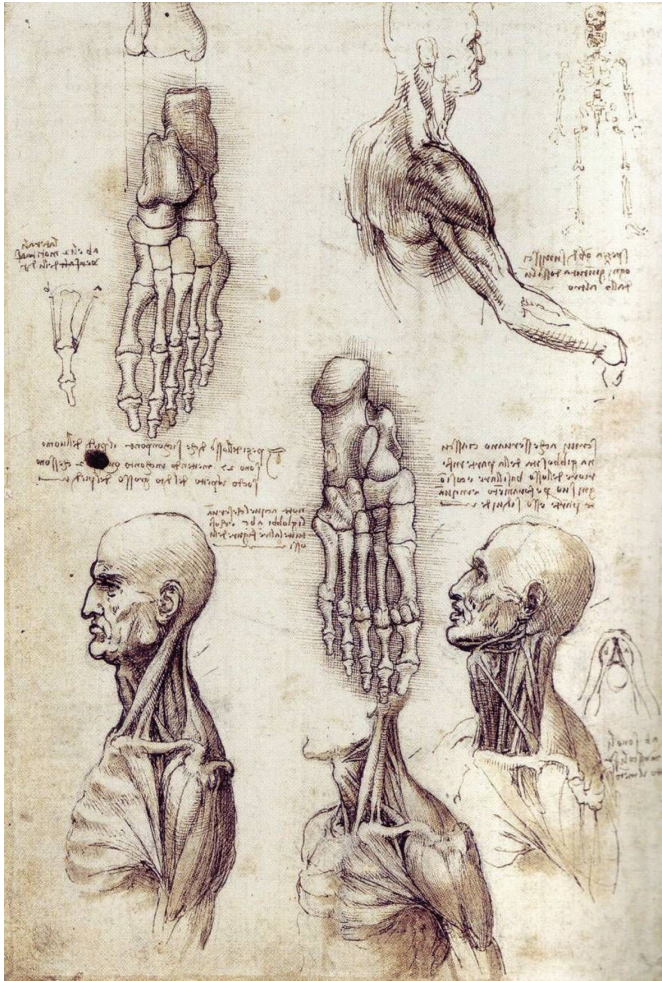
As lições de anatomia ainda continuam presentes em mestres tais como Mantegna,

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA é doutora em Artes Visuais pela ECA/USP e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

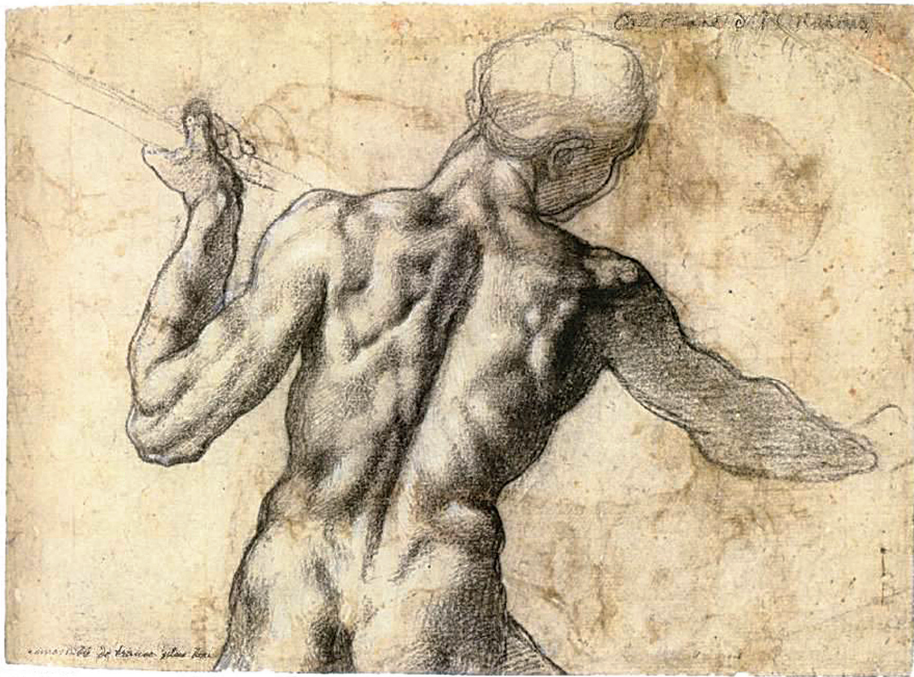


Leonardo da Vinci, *Anatomia*

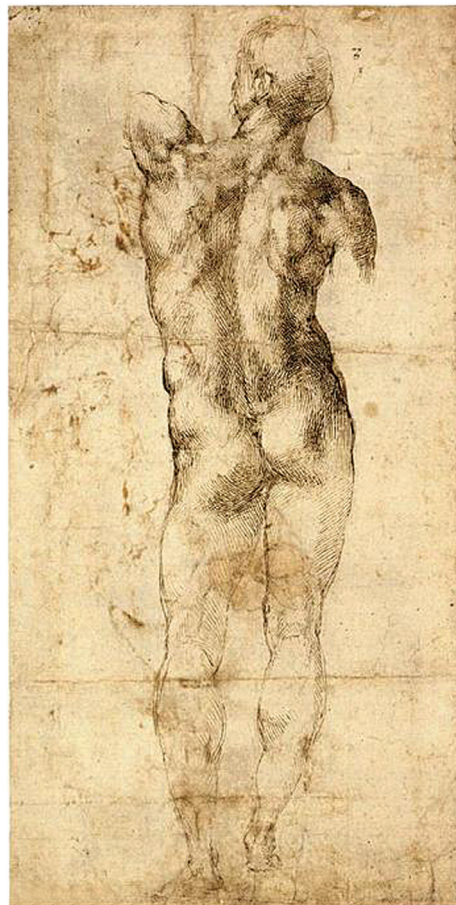
Leonardo da Vinci, *Estudo*



Leonardo da Vinci, *Anatomia*



Michelangelo Buonarroti, *Male nude seen from the rear*



Michelangelo Buonarroti,
*Male nude seen from
the rear recto*

Ticiano e Caravaggio. Mas, em *Lição de anatomia*, 1632, de Rembrandt, existe o desprezo pelas convenções anatômicas usuais. O pintor concentrou-se nos aspectos psicológicos da cena, destacando a grande inquirição dos personagens e sua proximidade com o corpo morto. Essa obra é uma das mais conhecidas de Rembrandt, e nela o pintor individualiza cada um dos atores da cena por suas fisionomias. Comissionada pelo cirurgião da guilda de Amsterdã, a tela mostra o dr. Nicolaes Tulp, famoso anatomista e professor, dissecando o antebraço do cadáver. A ideia era demonstrar o funcionamento do músculo para os outros membros da guilda.

Já no início do século XX, Edvard Munch, filho de um médico do exército

e fanático religioso, viu sua mãe morrer de tuberculose aos cinco anos de idade. Algum tempo depois, ele também presenciou a morte de sua irmã mais velha, a internação de uma segunda irmã por problemas mentais (alguns biógrafos atestam que ela sofria de esquizofrenia) e, por fim, o precoce falecimento de seu pai. A tela *A menina doente*, 1886, assinala a primeira de uma série de seis pinturas com o mesmo tema: Sophie, sua irmã doente. O sofrimento e o corpo afligido por doença se fizeram presentes em todo o repertório de Munch. Em 1919, o pintor vivenciou a gripe espanhola e, no confinamento, produziu a tela *Autorretrato convalescente de gripe espanhola*, na qual surge no leito rodeado por familiares. Após a recupe-



Rembrandt, *Lição de anatomia*, 1632



Edvard Munch, *A menina doente*, 1886

ração, Munch fez novo trabalho, *Autor-retrato após a gripe espanhola*, no qual surge debilitado pela enfermidade numa cadeira – marcando seu regresso à vida.

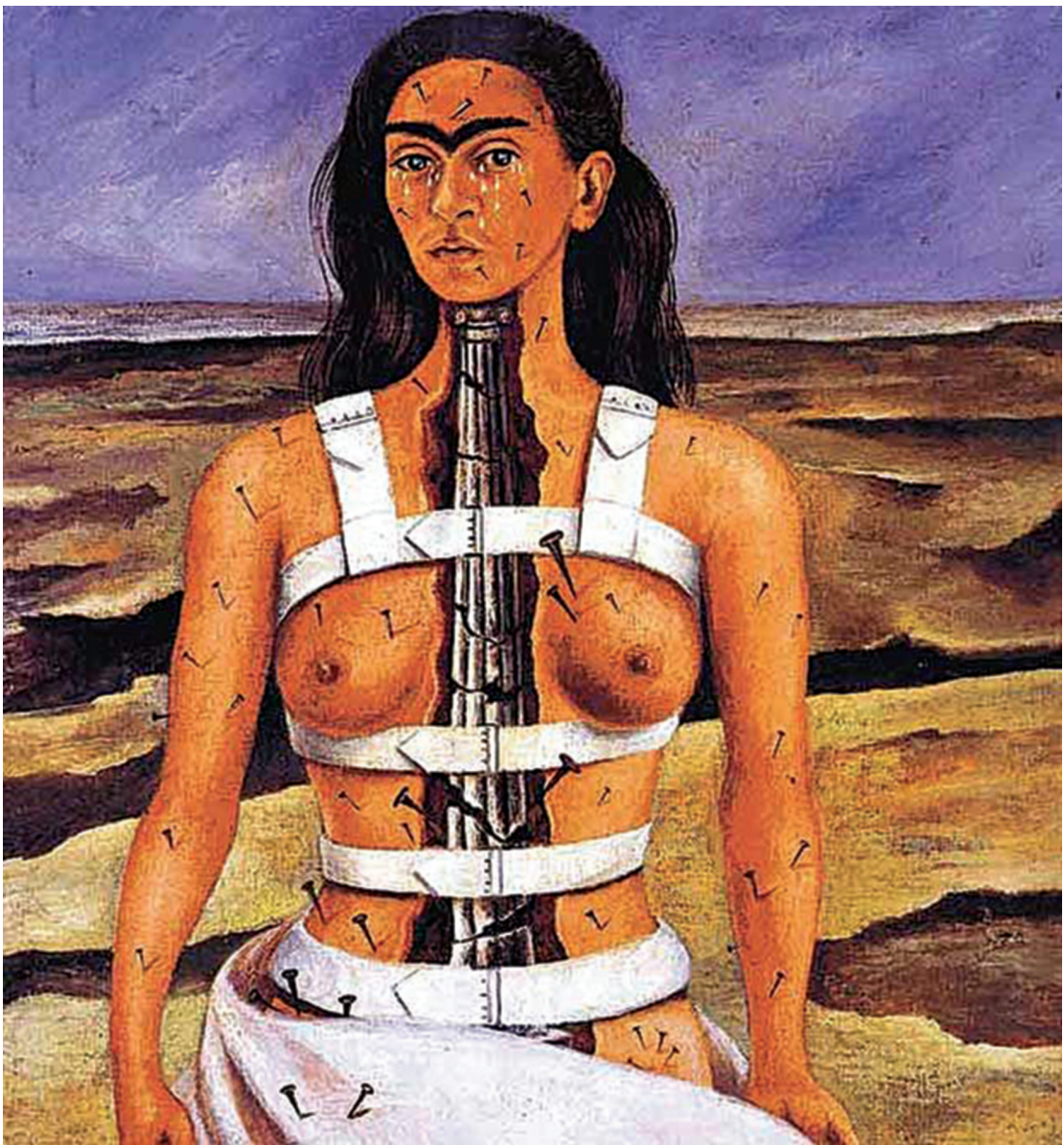
A debilidade física também aparece nos trabalhos de Frida Kahlo. As sequelas da poliomielite (hipotrofia do membro inferior direito e atrofia do pé direito) atingiram a menina aos seis anos de idade. Entre 1922 e 1925, ela frequentou a Escola Nacional Preparatória na Cidade do México, motivada pelo desejo de se tornar médica – sonho interrompido pelo acidente entre um bonde e um ônibus, no qual ela sofreu diversos ferimentos e fraturas que demandaram um longo período de recuperação. Além disso, a artista também passou por

um dramático aborto, anos mais tarde. Algumas obras, tais como *Hospital Henry Ford* (conhecida como *A cama voadora*), 1932, *La columna rota* (*A coluna quebrada*), 1944, e *Sem esperança*, 1945, são catárticas e expõem de modo intenso suas perdas e seu sofrimento físico.

A fronteira tênue entre dor e morte tem sua medida na *Série trágica*, de Flávio de Carvalho, 1947. Em nove cenas, o artista retrata o semblante de sua mãe moribunda, dona Ophélia Crissiúma, no leito de um hospital. Os traços rápidos e instáveis do carvão sobre papel aludem à agonia da retratada – o último sopro de vida consumido pelo câncer. A frase “minha mãe morrendo”, presente em alguns dos dese-



Frida Kahlo, *A cama voadora*, 1932



Frida Kahlo, *A coluna quebrada*, 1944

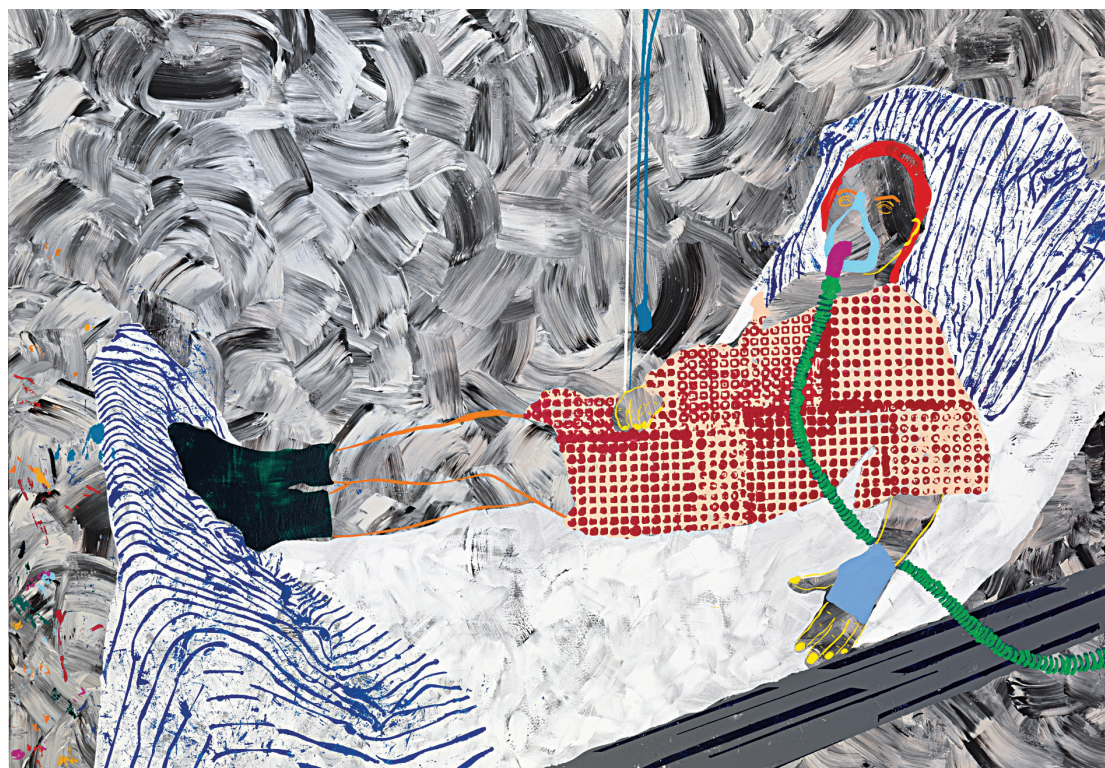


Flávio de Carvalho, *Série trágica*, 1947

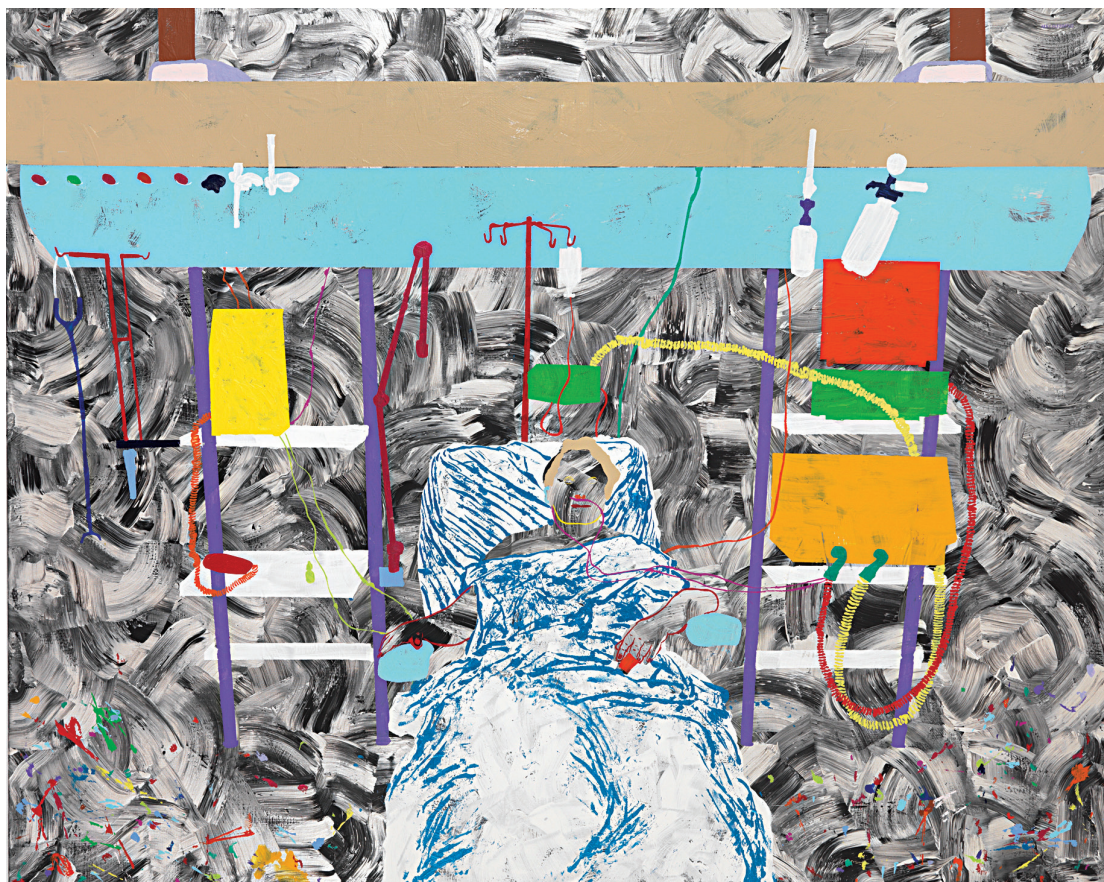
nhos, certifica o artista de que o fim está próximo. Na clivagem do contemporâneo, Alex Flemming produziu dois trabalhos que renovaram esse (res)sentimento diante do “instante final”, *Olympia no hospital*, 2012, e *Farewell*, 2013. São telas que colocam diante do espectador o ambiente hospitalar e a iminente despedida. A referência à história da arte leva-nos ao modelo de Manet, mas também à lembrança da *Série trágica*, uma vez que em ambas as obras a retratada é a mãe do artista. Porém, em *Olympia no hospital*, a tensão não está na face da mulher ligada à máquina de oxigênio, mas nas pinceladas agitadas que constroem o plano de fundo em contraste com as figuras coloridas.

Igualmente tomado por essa questão que envolve vida, medicina e morte, Damien

Hirst, aos 16 anos, visitava regularmente o Departamento de Anatomia da Leeds School of Medicine para fazer desenhos. Suas pesquisas seguiram de animais conservados em formol, passando por instalações que remetem a gabinetes de remédios, até pinturas que evocam pílulas coloridas, dando a elas títulos similares a nomes científicos de fórmulas e medicamentos. Porém, entre um trabalho e outro, o artista britânico envolveu-se em polêmicas sobre a criação de suas obras. Em 2000, por exemplo, o *designer* Norman Emms processou o artista por plágio. A escultura *Hino* seria uma reprodução do Young Scientist Anatomy Set, desenhado por Emms e fabricado por Humbrol. Na ocasião, Hirst fez um acordo extrajudicial com as duas partes interessadas.



Alex Flemming, *Olympia no hospital*, 2012



Alex Flemming, *Farewell*, 2013

Mas, quando se trata de polêmica, Banksy ganha em notoriedade. Conhecido por seu desprezo pelo mercado de arte e pelos governos que rotulam grafite como vandalismo, o “artista desconhecido” (ninguém sabe ao certo sua identidade) expõe seus trabalhos em locais públicos. A sua arte de rua satírica e subversiva combina humor negro e grafite feito com uma distinta técnica de estêncil. Seus trabalhos com comentários sociais e políticos podem ser encontrados em ruas, muros e pontes de cidades por todo o mundo. E foi surpresa quando *Game changer*, 2020, surgiu no corredor do Hospital da Universidade de Southampton (Inglaterra), no início da pandemia de covid-19. No desenho, a criança brinca

com os novos super-heróis – os médicos, enfermeiras e demais profissionais que estão na linha de frente no combate à doença.

Nos tempos de isolamento social provocado pelo coronavírus, a arte tem sido alicerce importante. Merecem ênfase as ações de conscientização, promovidas por artistas, assim como os leilões de obras de arte para o socorro imediato das emergências ocasionadas pela pandemia. Liu Xiaodong, célebre artista chinês, impossibilitado de regressar a Pequim e preso por meses pelas medidas de prevenção ao vírus em Nova York, retratou em suas pinturas a nova condição das pessoas no grande centro urbano – uma espécie de pintura histórica. Alan Fujito faz exercício análogo ao andar



Damien Hirst, *Gabinete de remédios*, 1988



Damien Hirst, *Caproaldehyde*, 2003



Damien Hirst, *Hino*, 1999-2005



Banksy, *Game changer*, 2020

pelas ruas de São Paulo. O fotógrafo nos traz, em ensaio em preto e branco, a vida frenética dos paulistanos com o seu novo acessório: a máscara.

Já Ana Teixeira, durante a quarentena, iniciou uma série de projeções noturnas nos edifícios próximos a sua casa, na capital paulista. São palavras, poemas, trechos de músicas e frases iluminadas, inspiradas ou autorais, de escritores, jornalistas e artistas, tais como Carlos Drummond, Paulo Leminski, Eliane Brum, Gilberto Gil, Cae-

tano Veloso, Chico Buarque de Holanda, Jorge Menna Barreto, entre outros. A artista também estabeleceu parcerias com outros artistas na concepção das frases. Como as projeções não são em empenas lisas, a diagramação dos textos adaptou-se às superfícies recobertas por janelas e sacadas. O evento ocorreu nos arredores da casa da artista, mas rapidamente espalhou-se nas redes sociais. Frases em defesa da ciência, dos profissionais de saúde e do Sistema Único de Saúde (SUS) completam o repertó-



Liu Xiaodong, *Thank you*, 2020

rio de mensagens – o resultado é a intervenção *Convivência*, 2020, que nos coloca num estado de aproximação (mesmo afastados fisicamente). A cada escrita projetada, uma reflexão sobre o tempo no qual vivemos.

Outra intervenção de Ana Teixeira, dessa vez em parceria com Livia Aquino, é *Tudo que cabe*, 2020, que, composta de duas partes, tem uma delas nas ruas, através da colagem de um cartaz em vias públicas onde se pode ler a palavra “distanciamento”. Nessa intervenção, segundo as artistas, “de longe a palavra aponta uma das medidas sociais atuais necessárias para evitar a propagação da doença que parou o mundo. De perto, é possível ler 351 palavras anagramadas livremente com as letras de *distanciamento*”.

Outra parte do trabalho é uma peça sonora, na qual se escutam 351 vozes de pessoas diferentes – uma a cada palavra possível a partir das letras de “distanciamento”. As artistas lembram aos paulistanos que a epidemia não acabou, que ainda é preciso resistir para salvar vidas.

Em síntese, o percurso dos artistas e obras aqui discutidos (e outros incontáveis mais) mostra as relações entre arte, medicina e saúde pública e, especialmente, como a arte usa como inspiração outros saberes, comentando o contexto que nos envolve. Ela pode não significar diretamente a cura para os males que se somam às doenças, crises sanitárias e pandemias, mas pode ser o alívio, o catártico e a conscientização.



Alan Fujito, *Sem título*, 2020



Alan Fujito, *Sem título*, 2020



Alan Fujito, *Sem título*, 2021



Ana Teixeira, *Tudo que cabe*, 2020



Ana Teixeira, *Tudo que cabe*, 2020



Ana Teixeira, *Convivência*, 2020
